



DISCIPLINA	NOME
HZ466A	MITO E RITUAL

Horas Semanais						
Teóricas	Práticas	Laboratório	Orientação	Distância	Estudo em Casa	Sala de Aula
02	02	00	02	00	00	04
Nº semanas	Carga horária total		Créditos	Exame	Frequência	Aprovação
15	90		06	S	75%	N

Docente:

EMILIA PIETRAFESA DE GODOI

Ementa:

Curso que aborda as principais vertentes teóricas, racionalistas e não racionalistas, na análise antropológica do mito e do rito.

Programa:

Para discutir as questões colocadas pelas abordagens de mito e de ritual, selecionamos algumas relações postas por elas. São elas: "Mito, Razão, Magia e Ação", "Mito, História e Memória", "Ritual, Drama e Performance" e "Ritual e Política". Estes quatro temas constituirão as Unidades, nas quais nossa disciplina será estruturada.

Considerando este campo, será lida e debatida parte representativa da bibliografia antropológica clássica, bem como uma bibliografia mais recente, interpelando experiências contemporâneas de forma a mostrar que mitos e ritos não são fenômenos que remetem de maneira privilegiada a outras sociedades e a outras épocas. Como se pode constatar, o título da disciplina traz a conjunção dos dois termos, mito e ritual, conjunção esta tributária de interpretações como as que argumentavam que o rito justifica o mito ou que o ritual seria o mito em ação ou a sua performance. No presente, qualquer conjunção necessária suscita controvérsias.

A disciplina será ministrada através de aulas expositivas e debates distribuídos ao longo do curso. Além disso, procuraremos exibir e discutir vídeos etnográficos que nos auxiliem na reflexão sobre os temas propostos.

O programa detalhado da disciplina com o seu respectivo cronograma de desenvolvimento será entregue aos alunos no primeiro dia de aulas.



Bibliografia Geral:

- CHAVES, Christine de Alencar. "A Marcha Nacional dos Sem-Terra: estudo de um ritual político", in Peirano, Mariza. *O Dito e o Feito. Ensaios de Antropologia dos Rituais*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002, pp. 133-148.
- DAWSEY, John C. "O teatro dos "bóias-frias": repensando a antropologia da performance". *Horizontes antropológicos* [online]. 2005, vol.11, n.24 pp. 15-34 e "O teatro em Aparecida: a santa e o lobisomem". *Mana* [online]. 2006, vol.12, pp. 135-149.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. "A noção de bruxaria como explicação dos infortúnios", *Bruxaria, Oráculos e Magia*, Zahar Editora, Rio de Janeiro, 1978.
- FRAZER, James George. 1911 (1982). Introdução de Mary Douglas, págs. 9-15; A magia simpática, Parte 1:3, págs. 34-46; A eliminação do rei divino, Parte 2:2, págs. 102-110; Sobre bodes expiatórios Parte 6: 2, págs. 177-179. In: *O ramo de ouro*. RJ: Guanabara-Koogan
- GEERTZ, Clifford. *Negara - o estado teatro no século XIX*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1991.
- GINSBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas, sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- GLUCKMAN, Max. "Rituais de rebelião no Sudeste da África". *Textos de Aula (Antropologia 4)*. Brasília: UnB, S/d (1954).
- GRÜNEWALD, Rodrigo (org.), *Toré: regime encantado do índio do Nordeste*. Recife: Massangana, 2005.
- HERTZ, Robert. "A preeminência da mão direita: um estudo de polaridade religiosa". In: *Religião e Sociedade*. Vol. 6, 1980.
- HOUSEMAN, Michael. "O vermelho e o negro: uma experiência para pensar o ritual". *Mana*, 9(2), 2003.
- LEACH, Edmund. *Antropologia* (R. Da Matta, org.). São Paulo: Ática, 1983.
- _____. *Sistemas Políticos da Alta Birmânia*. São Paulo: Edusp, 1995.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.
- _____. *Antropologia Estrutural Dois*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.
- _____. *A oleira ciumenta*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- _____. *História de Lince*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- _____. *O cru e o cozido*. São Paulo; Cosac & Naify, 2004.
- _____. *O Pensamento Selvagem*, São Paulo, Ed. Nacional, 1976.
- MALINOWSKI, Bronislaw. 1948. (1984). 'Magia e experiência', 'Magia e Ciência' e 'Magia e Religião', *Magia, ciência e religião*. Lisboa: Edições 70. (ver também "A magia e o Kula, *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, *Os Pensadores*, 1978, pp. 288-308).
- MAUSS, Marcel e Henri Hubert. "Ensaio sobre a natureza e a função do sacrifício", *Ensaios de Sociologia*, São Paulo, Editora Perspectiva, 1981.
- OVERING, Joanna. "O Mito como História: Um problema de Tempo, Realidade e Outras Questões". *Mana*, 1(1), pp. 107-140, 1995.
- PEIRANO, Mariza. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- _____. (org.). *O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais*. Rio de Janeiro; Relume-Dumará, 2002.
- _____. "Temas ou Teorias? O estatuto das noções de ritual e performance". *Campos*, Curitiba, n.7, v.2, p. 9-16, 2006.
- SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1985.
- _____. *Como pensam os 'nativos'*. São Paulo: Edusp, 2001.
- _____. *Metáforas históricas e realidades míticas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- TURNER, Victor. *O Processo Ritual*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*, Petrópolis: Vozes, 1978.
- VERNANT, J. P. "Aspectos Míticos da Memória e do Tempo", *Mito e Pensamento entre os Gregos*, São Paulo, Ed.



USP, 1973, pp. 71-97.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Cossac & Naify, 2002.

Observações:

Será estabelecido, em comum acordo entre a professora, o bolsista PED e os alunos, um horário de atendimento. Este atendimento será dado semanalmente pelo apoio didático e destina-se a dirimir dúvidas e auxiliar no preparo dos debates. A professora também oferecerá atendimento aos alunos mediante agendamento prévio. O trabalho do bolsista PED, além do auxílio no preparo dos fóruns de debate, implicará também no auxílio à professora na organização do material didático: disponibilizar os textos aos alunos, ajudar na seleção de vídeos etnográficos, verificar equipamento da sala para exibição dos vídeos e eventual uso de Datashow. O curso será desenvolvido através de aulas expositivas e de fóruns de debates que serão organizados com pequenos grupos de alunos. Cada “fórum de debates” ficará a cargo de dois grupos de alunos: um *grupo expositor* e um *grupo debatedor*. O grupo expositor deverá apresentar o tema, os argumentos, as noções e os conceitos trabalhados nos textos. O grupo debatedor trará questões previamente elaboradas acerca dos textos. A avaliação dos alunos levará em conta a participação em aula, especialmente nos “fóruns de debates” e um trabalho, que poderá ser prova individual, de modo que o aproveitamento dos alunos possa ser aferido não somente através de trabalhos coletivos (fóruns de debates), mas também individualmente.